



**CARTAS
PEDAGÓGICAS
POR
TRABALHADORES/AS
DA EDUCAÇÃO NA
PERSPECTIVA
FREIREANA**

**MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO**



**CARTAS PEDAGÓGICAS POR
TRABALHADORES/AS DA EDUCAÇÃO NA
PERSPECTIVA FREIREANA**

Vol. 1

**CARTAS PEDAGÓGICAS POR
TRABALHADORES/AS DA EDUCAÇÃO NA
PERSPECTIVA FREIREANA**

Vol. 1

Organizadoras:
**MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO**

Recife, PE
2023

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Canva.com utilizado por Ricardo Santos de Almeida

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartas pedagógicas por trabalhadores/as da
educação na perspectiva freireana [livro
eletrônico] : vol. 1 / organização Maria
Erivalda dos Santos Torres, Maria Aparecida
Vieira de Melo. -- Recife, PE :
Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2023.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-87824-22-2

1. Educação - Brasil 2. Freire, Paulo, 1921-1997 -
Crítica e interpretação 3. Pedagogia 4. Professor
como profissão 5. Professores - Formação profissional
I. Torres, Maria Erivalda dos Santos. II. Melo, Maria
Aparecida Vieira de.

23-158143

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Copyright © 2023. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais.

2023. Escrito e produzido no Brasil.

**PRESIDÊNCIA, DIRETORIAS E CONSELHOS
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS**

Maria Erivalda dos Santos Torres
Presidenta

Séphora Marinho de Freitas
Diretora Administrativa

Maria Aparecida Vieira de Melo
Diretora Pedagógica

Danielle Jaiane Silva
Diretora Financeira

Cícera Maria do Nascimento
Diretora de Comunicação

Nelino José Azevedo de Mendonça
Conselho Fiscal

Ricardo Santos de Almeida
Conselho Fiscal

Cintha Lúcia Martins Torres Saraiva de
Melo
Conselho Fiscal

Agostinho da Silva Rosas
Conselho Consultivo

Anair Silva Lins e Melo
Conselho Consultivo

Viviane de Bona
Conselho Consultivo

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Erivalda dos Santos Torres	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	UNEAL, UFAL, UFSM, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Nelino Azevedo de Mendonça	
APRESENTAÇÃO	9
Ricardo Santos de Almeida	
TRAJETÓRIAS TRILHADAS PARA UMA FORMAÇÃO LIBERTADORA NA CARREIRA PROFISSIONAL DOCENTE	14
Maria Erivalda dos Santos Torres	
ESPERANÇAR UM NOVO AMANHÃ	20
Sérgio Trombetta	
AS LUTAS EPISTÊMICAS NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE	25
Alexandre Evangelista da Silva	
EDUCAÇÃO AGROECOLÓGICA: ENTRE A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E A MANUTENÇÃO DA VIDA	31
Antônio Severino da Silva	
EDUCAÇÃO DIALÓGICA TRANSFORMADORA NOS PRINCÍPIOS DA ÉTICA E DA AMOROSIDADE	36
Cristiane de Oliveira Alves	
EM BUSCA DA AFETIVIDADE	41
Zumar Cleide Queiroz de Oliveira	
A FORMAÇÃO DOCENTE COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: A ESPERANÇA ME INSPIRA	45
Laura Pereira Leite dos Santos	

SUMÁRIO

- CONSTRUINDO PONTES E FORTALECENDO CAMINHOS: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS À LUZ DA PEDAGOGIA FREIREANA** 50
Maria Ana Paula Freire da Silva
- LUTAS: SUBSTANTIVO ou VERBO? LUTAS POR UMA PRÁTICA LIBERTADORA** 56
Neide Rafael Alves Braga
- DIÁLOGOS E MEMÓRIAS DA DOCENTE DO LADO DE CÁ...** 62
Tereza Luiza de França

PREFÁCIO

Na Pedagogia da Esperança, Paulo Freire ensina que “o tempo de escrever (...) é sempre precedido pelo de falar das ideias que serão fixadas no papel”. Penso que é bem isso que o curso de *formação de trabalhadores e trabalhadoras da educação na perspectiva freireana* ofertou aos/as participantes durante toda a sua jornada. Falo em jornada porque foi, de fato, um percurso trilhado por diversos horizontes, pelos quais solidariamente compartilhamos saberes, ensinamentos, aprendizagens, afetos e amorosidade, confirmando, a várias mãos (ou pés), que é possível transformar a realidade injusta e construirmos uma existência em que as pessoas possam vivenciar de forma mais plena a sua cidadania e ter mais dignidade em suas vidas.

O ato de escrever implica num refazimento daquilo que foi pensado nos diversos momentos de nossas vivências, de nossas práticas e de nossas convivências com as outras pessoas. As cartas pedagógicas refletem bem essa perspectiva, principalmente porque elas abrem janelas para diversas formas de interação, de reflexão, de diálogos, de ensinamentos e de narrativas que expressam subjetividades fundamentais que fazem do mundo um lugar melhor. Por isso, elas são pedagógicas. Possivelmente, esses foram alguns dos motivos que levaram Paulo Freire a fazer das cartas pedagógicas uma forma de dialogar criticamente com o mundo, como é possível ver nos livros *Cartas a Cristina* e *Cartas à Guiné-Bissau*. Certamente, também foram essas as razões que indicaram a importância de que as cartas pedagógicas constituíssem o encerramento desse curso de formação.

Na primeira carta do livro *Pedagogia da Indignação*, Freire confessa: “Um dos meus sonhos ao escrever estas cartas pedagógicas (...) é desafiar-nos, pais e mães, professoras e professores, operários, estudantes, a refletir sobre o papel que

temos e a responsabilidade de assumi-lo bem, na construção e no aperfeiçoamento da democracia entre nós”. Tão atual quanto essa afirmação é a certeza de que a luta pela democracia se inscreve numa exigência esperançosa e ética de fazermos da educação uma práxis libertadora capaz de desobnubilar as consciências de homens e mulheres contra todas as formas de opressão e injustiças. A luta em defesa de uma educação crítica, emancipadora e democrática é um posicionamento contundente contra a barbárie em nosso cotidiano.

A atitude política e amorosa em assumir uma prática educativa que se oponha a todas as formas de violência e opressão, aproxima-nos por inteiro daquela exigência que Adorno nos convoca que é a tarefa primeira da educação para que Auschwitz não se repita. Se em algum momento, parecia algo distante, hoje se impõe urgentemente como uma exigência ética a luta em favor da democracia, que é, ao mesmo tempo, a luta contra o fascismo, contra as intolerâncias, contra os fundamentalismos, contra todas as formas de agressão às pessoas e ao planeta, enfim, contra a barbárie. Com certeza, a pedagogia freireana é uma resposta atual e necessária nessa luta contra a barbárie.

Portanto, ofertar um curso de formação de trabalhadores e trabalhadoras da educação na perspectiva freireana é mais uma afirmação do compromisso do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas com essa educação libertadora e com uma sociedade mais democrática. Dessa forma, o Centro Paulo Freire, ao completar 25 anos de existência nesse ano de 2023, reafirma o seu protagonismo em defesa do legado freireano e em defesa da boniteza do mundo.

Nelino Azevedo de Mendonça

APRESENTAÇÃO

Os estudos aqui socializados consistem em diferentes diálogos realizados ao longo do Curso Formação de Trabalhadores(as) da educação na perspectiva freireana, organizado pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e encontram-se consubstanciados a partir a partir de diferentes temas geradores que viabilizaram diferentes problematizações contidas nas cartas pelas autoras e pelos autores, a saber: Ética, tolerância e intolerância como prática de liberdade (mediado por Eduardo Jorge Lopes da Silva – UFPB; CPFreire), Situação limite, inédito viável e inacabamento (mediado por Nelino José Azevedo de Mendonça – SEE-PE; CPFreire), Amorosidade, denúncia e anúncio (Maria Eliete Santiago – Cátedra Paulo Freire – UFPE; CPFreire), Formação de trabalhadores(as) da educação libertadora (mediado por Maria Aparecida Vieira de Melo – UFRN; CPFreire), Diálogo em Paulo Freire (mediado por Ricardo Santos de Almeida – CPFreire), Cultura popular e identidade cultural (mediado por Agostinho da Silva Rosas – UPE; CPFreire), Problematização como prática de liberdade (mediado por Problematização como prática da liberdade (mediado por Ana Paula de Abreu Costa de Moura – UFRJ; CPFreire), e a culminância mediada por Maria Erivalda dos Santos Torres.

A primeira carta, intitulada **Trajetórias trilhadas para uma formação libertadora na carreira profissional docente** escrita por Maria Erivalda dos Santos Torres objetiva-se por socializar as memórias da autora sobre sua imersão freireana, dos espaços formativos e suas vivências em instituições escolares às lutas engajando-se nos Fóruns da Educação de Jovens, Adultos e Idosos em Pernambuco, bem como as ações que corroboraram para que o curso Curso Formação de Trabalhadores(as) da educação na perspectiva freireana,

organizado pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, acontecesse.

A segunda carta, intitulada **Esperançar um novo amanhã** escrita por Sérgio Trombetta objetiva-se por problematizar as dinâmicas, tramas e enredos do capital que processualmente cerceiam a Educação em diferentes instâncias, tanto institucional, como cooptando o Estado para se tentacularizar e oprimir processualmente as relações que podem ser socializadas em diferentes espaços formativos contribuindo para que a alienação possa acontecer. As tensões ideológicas fomentadas pelo empreendedorismo que confluem por uma educação mercadológica é pelo autor denunciada e são apontadas diferentes estratégias de resistência pela humanização.

A terceira carta, intitulada **As lutas epistêmicas na perspectiva de Paulo Freire** escrita por Alexandre Evangelista da Silva consubstancia-se em diferentes leituras freireanas, em especial a Pedagogia do Oprimido e segue problematizando as lutas epistêmicas a partir da seguinte premissa: a ação política não pode dissociar sujeito e contexto histórico-cultural. Neste processo de tomada de consciência o autor nos chama atenção à necessidade de exercitarmos o pensar o mundo a nossa volta, suas relações para desconstruirmos as contradições da neutralidade epistemológica retirando as camadas opressoras do saber que foram estabelecidas processualmente desde o período do achamento do Brasil.

A quarta carta, intitulada **Educação Agroecológica: entre a produção de alimentos e a manutenção da vida** escrita por Antônio Severino da Silva chama atenção à necessidade de uma formação humana, que se consubstancie na reconstrução de referenciais culturais e políticos que confluem para a manutenção da vida que considere o estudo e o tratamento de ecossistemas produtivos e preservadores dos recursos naturais, culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente

viáveis destacando-se a necessidade de políticas públicas que confluam pela humanização plena considerando-se as especificidades e potencialidades das comunidades, vegetais e animais que existam nas mesmas, confluindo por um agroecossistema sustentável.

A quinta carta intitulada **Educação dialógica transformadora nos princípios da ética e da amorosidade** sob a autoria de Cristiane de Oliveira Alves consiste em evidenciar sua trajetória da formação escolar à profissional e que o autoconhecimento a permite afirmar que a libertação e autonomia se dão na dialogicidade de seu trabalho, pois o trabalho em saúde também consiste no ato de educar, sensibilizando diferentes pessoas corroborando para práticas cotidianas que reafirmem suas resistências.

A sexta carta intitulada **Em busca da afetividade** sob a autoria de Zumar Cleide Queiroz de Oliveira, problematiza diferentes questões voltadas à relação estudante-docente compreender toda a dimensão intrínseca ao projeto de humanização. Este processo, segundo a autora nos fortalece e contribui para fazermos diferente, as nossas ações didático-pedagógicas reafirmando pela coletividade a necessidade de nos conectarmos uns aos outros para superarmos a desconexão entre o conhecimento e a afetividade que influencia diferentes aspectos que fortalecem a educação bancária. Superar esta desconexão através do fazer coletivo e respeitando as subjetividades, valorizando as potencialidades corrobora para a construção de ações positivas comprometidas com a mudança e a transformação do ser mais.

A sétima carta intitulada **A formação docente como processo de construção e reconstrução do conhecimento: a esperança me inspira** sob a autoria de Laura Pereira Leite dos Santos evidencia que ainda nos encontramos em tempos de intolerância política, gestado processualmente, e que influencia e contribui para o negacionismo científico. Denuncia que a

banalização da vida e inexistência do diálogo pavimentado por um desgoverno desencadeou e evidenciou diferentes problemas sociais que ameaçaram a democracia e reafirmou a necessidade de esperarmos através da educação. A tomada de consciência deste processo contribui para reafirmar a importância, pela autora, dos processos educativos, suas contradições e que esperar é preciso para superar as condições opressoras que ainda somos tencionados por diferentes instâncias.

A oitava carta intitulada **Construindo pontes e fortalecendo caminhos: a formação de professores e professoras à luz da pedagogia freireana** sob a autoria de Maria Ana Paula Freire da Silva realiza uma imersão consistente a partir de cada tema dos módulos de estudo dos encontros junto aos mediadores do Curso Formação de Trabalhadores(as) da educação na perspectiva freireana, organizado pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e destaca que no processo de inacabamento, permanecerá buscando em Paulo Freire diferentes horizontes para retroalimentar suas práticas educativas e cotidianas.

A nona carta intitulada **Lutas: substantivo ou verbo? Lutas por uma prática libertadora** sob a autoria de Neide Rafael Alves Braga afirma a necessidade da existência das lutas profissionais e, sobretudo humanas para que diferentes processos educacionais das práticas, reflexões e ações didático-pedagógicas se estabeleçam rumo à libertação tomando consciência de que estes processos tendem a contribuir para a melhoria dos fazeres pedagógicos em si e para a coletividade para além dos componentes curriculares.

A décima e última carta intitulada **Diálogos e memórias da docente do lado de cá...**, sob a autoria de Tereza Luiza de França traz consigo suas vivências e historicidade ao longo de quarenta e oito anos atuando profissionalmente com/na Universidade Federal de Pernambuco contribuindo para este

CARTAS PEDAGÓGICAS POR TRABALHADORES/AS DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA
FREIREANA

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)

processo as leituras e práticas consubstanciadas em Paulo Freire. Para tal, esmiuçou novas situações pedagógicas, incorporando experiências contextualizadas que contribuíram para que sua ação didático-pedagógica mantivesse viva a busca pela curiosidade.

Ricardo Santos de Almeida

TRAJETÓRIAS TRILHADAS PARA UMA FORMAÇÃO LIBERTADORA NA CARREIRA PROFISSIONAL DOCENTE

Maria Erivalda dos Santos Torres¹

Estimado Paulo Freire, minha trajetória junto a você vem desde 1984, quando comecei a trabalhar em um projeto de alfabetização, intitulado Projeto Faz Ler, na cidade de Caruaru. Foi no final da ditadura militar e todas as pessoas estavam com muita sede de colocar sua voz aos quatro cantos do mundo. Ainda não era um momento fácil, mas as lentes da esperança começavam a aparecer. Entrando na faculdade e muito jovem, não ti havia ouvido, ainda, falar em sua pedagogia. Participei do curso de formação promovido pela Secretaria de Educação, que foi intenso, mas era muito pouco para adentrar e entender a dimensão que seus escritos propunham. Fui a primeira professora a ministrar uma aula modelo com a sua metodologia, desafiada pela secretária de educação da época. Esse foi o momento de me apaixonar por uma educação transformadora e libertadora. Quando você visitou Caruaru, fiquei encantada em ouvi-lo, como também na UFPE, em Recife. Momentos que guardo em minha memória para sempre. Era a professora jovem de interior, muito tímida, que não teve a coragem de pedir para tirar uma foto com você.

Os anos foram passando e eu fui aprendendo com seus ensinamentos e com as discussões que fazíamos ao estudar suas obras. Em todos os níveis do conhecimento que passei, enquanto educadora, procurei aplicar os ensinamentos, recriando-o e transformando-os, como muito bem sempre nos

¹ Presidenta do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas com sede na UFPE/PE. Coordenadora do Fórum Regional da EJA do Agreste Centro Norte/PE. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e contemporaneidade pela UFPE/CCA. E-mail: erivaldatorres@gmail.com

orientou. Na gestão escolar, que foram 26 anos, implementei projetos de uma educação progressista e libertadora. Durante 18 anos fui professora da Educação de Jovens e Adultos e os outros anos da minha carreira profissional trabalhei na Coordenação Regional na Secretaria de Educação de meu município, na modalidade de EJA. Sendo assim, desde a minha primeira atividade profissional até a última trabalhei com a educação das pessoas que foram oprimidas por questões sociais e tirado o seu direito subjetivo à educação.

Em 2009 me engajo em outra luta nos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos em Pernambuco e me transformo em uma andarilha no estado e no Brasil conhecendo a realidade dessa modalidade de ensino. Foi aí que minha vontade de lutar aumentou muito. No ano de 2015, já passados sete anos do tempo de me aposentar é chegada a hora de parar minha carga horária de trabalho remunerado. Porém, eu não conseguia deixar de contribuir com tudo que havia aprendido ao longo dos anos e dei continuidade ao meu trabalho social que fazia. Continuava no Fórum Regional do agreste Centro Norte e no Centro Paulo Freire nas organizações dos Colóquios Internacionais Paulo Freire e como Conselheira Fiscal.

Na organização do X Colóquio Internacional Paulo Freire, de 2018, eu fazia parte da equipe de trabalho. Ao final do Colóquio no dia da avaliação de como tinha sido o encontro, meu nome é sugerido para compor a chapa do CPFreire para a nova eleição da diretoria, como presidenta. Relutei em aceitar. A companheira de luta Nayde Lima que já havia sido presidenta do Centro vai a minha casa e tenta me convencer da importância de aceitar fazer parte da diretoria. Sua fala foi tão densa e cativante que mesmo temerosa de não dar conta, aceitei. Sabia que seria um compromisso muito grande trabalhar para defender o seu legado. Essa nova diretoria passaria por muitas dificuldades, pois uma pandemia se

instalava no mundo todo, sem contar com um desgoverno que assolava o nosso país. Foram dois anos de muitas dificuldades com vidas sendo ceifadas, a tristeza e a morte tomavam conta de tudo. Sem contar que nós lutávamos para defender o seu legado dos ataques sofridos pelo governo e pelos os extremistas que o seguiam. Foram dias difíceis e obscuros, mas não desistimos a resistência falou mais forte. Seu centenário se aproximava e planejamos com muito carinho cada ação do Centro que foram muitas. Mas uma em especial gostaria de relatar aqui nesta carta.

O curso **Formação de trabalhadores e trabalhadoras da educação, na perspectiva freireana** que teve como objetivo interagir com estudo de categorias pensadas, por você, para o trabalho da práxis-libertadora na educação. Foi organizado em sete módulos, ministrados por sete professores/as, parceiros/as do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas.

Havia uma inquietação que emergiu durante os grupos de estudo de suas obras sobre o entendimento das categorias usadas por você. Algo teria que ser feito para proporcionar um melhor entendimento, então surge a ideia do curso. As aulas foram realizadas em formato remoto por meio da plataforma Google *Meet*, em encontros ao vivo e quinzenal. O intervalo de um módulo para o outro foi pensado de maneira a disponibilizar tempo para leituras e escrita de cada uma e um dos participantes, oportunizando tempo à reflexão. Os encontros foram gravados e disponibilizada a gravação em uma sala virtual, onde foi depositado o material didático de cada encontro semanal.

O Curso teve como objetivo geral: interagir com leituras e escrita crítica em diálogos com os temas geradores propostos. E para cada módulo objetivos específicos que passarei a expor para que você compreenda a seriedade que o realizamos. Fico imaginando se pudéssemos tê-lo aqui, fisicamente, para dizermos se estávamos no caminho certo. Contudo, estás

conosco a todo momento, nos estudos, nas discussões e no nosso esperar. O Módulo I: **Problematização como prática da liberdade teve como** objetivo específico: Compreender a importância da pergunta para a consciência crítica.

Porque entendemos problematização como constitutivo do processo de construção do conhecimento libertador. Pergunta versus cultura do silêncio. O Módulo II que foi intitulado **Situação limite, inédito viável e inacabamento**, traçamos como objetivo específico: Contextualizar situações limites mediadas por inéditos viáveis e inacabamento. Com abordagem na dialeticidade situação limite, inédito viável e inacabamento. Condições de contextos de emergência dos inéditos viáveis no enfrentamento das situações limites no inacabamento. O trabalho era árduo, mas nossa vontade de continuar era muito maior e passamos para o Módulo III que versava sobre a **Ética, tolerância e intolerância como prática de liberdade** e tinha como objetivo específico: Decodificar ética na dialeticidade entre tolerância e intolerância no âmbito da práxis- libertadora. Estudar um tema tão polêmico como esse era preciso para o momento histórico vivido. Ética: tema necessário à vida social e aos seres humanos. Ética, como prática educativa libertadora. Compreensão de tolerância e intolerância em Paulo Freire. Tolerância, como categoria de emancipação e respeito ao outro. Intolerância, como categoria de imposição a hegemonia do dominador. Na continuidade vem o Módulo IV: que tratava da **Amorosidade, denúncia e anúncio** trazendo como objetivo específico: Entender amorosidade como princípio da educação libertadora. Falar dessa temática nos imprime as marcas deixadas por uma sociedade tão vil. Amorosidade enquanto constitutivo para a educação libertadora. 'Medo da liberdade' e práxis libertadora. Ser sujeito na amorosidade. Era preciso adentrar na formação e o Módulo V: **Formação de trabalhadores/as da educação libertadora** discorria em seu objetivo específico: Significar formação de trabalhadores/as na

perspectiva da educação libertadora. Significava pensar em uma formação perene na perspectiva integral e libertadora de trabalhadores/as em educação. Reflexão crítica sobre a prática libertadora na formação de trabalhadores/as. Discutir na perspectiva libertadora é falar de relações e comunicação e o Módulo VI vem trazer **Diálogo em Paulo Freire** inferir como objetivo específico: Significar diálogo na perspectiva da educação libertadora. O estudo traz o diálogo enquanto constitutivo para a educação libertadora. Fala-escuta na dialeticidade da comunicação em educação libertadora. Ser sujeito em diálogo transformador. O curso se aproxima do final com o Módulo VII: **Cultura popular e identidade cultural** que trouxe como objetivo específico: Problematizar cultura e identidade no contexto da educação libertadora. A realização do estudo consistiu na cultura popular e identidade cultural no contexto da educação libertadora. Eu e o outro na relação entre cultura popular e identidade. Singularidade na pluralidade, igualdade e valorização do diferente.

Paulo Freire, a realização desse curso de Formação de trabalhadores e trabalhadoras da educação na perspectiva de sua pedagogia nos fortaleceu a caminhar na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Por isso, quero dizer-lhe que precisamos cultivar uma admiração pela própria formação e pela profissão docente, encontrar e alimentar o sentido de formar novos educadores e, em especial, permanecer vigilantes e críticos em relação a tudo que nos desencanta com a docência.

Cada módulo vivenciado nos proporcionou pensar sobre nossa formação, amorosidade, maneira de realizar o diálogo com a outra pessoa, a cultura, a identidade cultural para termos uma atitude ética, problematizando a nossa realidade e de quem está em nosso entorno para que possamos chegar aos nossos inéditos viáveis.

Sendo assim, é preciso criar o desejo de que nossa formação para a docência é permanente; é preciso recriar e construir o desejo nos educadores pela formação e por uma educação libertadora. Este é um dos nossos desafios pedagógicos atuais no contexto do CPFreire: ler, estudar, dialogar em Paulo Freire passa a ser essencial para construirmos um projeto de sociedade. Temos que sermos políticos, críticos e coletivos e nesse curso refletimos muito sobre nossa ação transformadora no mundo.

Em uma mesma perspectiva, quero enfatizar a necessidade de fazermos os nossos registros escrevendo e, a maneira que encontrei foi escrever esta carta para você, deixando-o ciente da nossa construção do conhecimento em cada módulo que construímos coletivamente.

Concluo essa carta com uma fala sua "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática". (FREIRE, 1991, p. 58). Meu esperar é o de muitas pessoas que acreditam em uma mudança social e na transformação da sociedade a partir das nossas ações.

Com carinho, uma admiradora e eterna aprendiz.

Palavras-chave: Formação. Ética. Diálogo. Problematização. Amorosidade

Referência

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

ESPERANÇAR UM NOVO AMANHÃ

Sérgio Trombetta²

Camarada Paulo Freire, sua vida e seu pensamento são um testemunho de decência e compromisso em favor da humanização, que para sua efetivação exige transformações radicais das estruturas políticas e sociais. Companheiro Paulo, vivemos hoje o triunfo do sistema neoliberal que em sua essência visa impor a lei do capital sobre todas as esferas da vida humana. Tudo se subordina à lógica do mercado. Estamos criando um mundo que tende a mercantilizar todos os aspectos da existência, das instituições democráticas à subjetividade. Privatiza-se a propriedade e os serviços públicos o que implica um encolhimento ou mesma a gradativa destruição do Estado social. Com isso, tende-se a aumentar as desigualdades sociais, porque os mercados desregulamentados tendem a reproduzir, em vez de amenizar, os poderes e as estratificações sociais produzidos historicamente. Trata-se mais fundamentalmente de uma racionalidade política que se tornou mundial e que consiste em impor por parte dos governos, na economia, na sociedade e no próprio Estado, a lógica do capital. Os princípios do mercado se tornam princípios de governo aplicados pelo e no Estado. Todo governo é para os mercados e orientado por princípios de mercado. A vida cotidiana, com suas necessidades entram na lógica do mercado. Os mercados, os lucros ilimitados devem ser construídos, viabilizados, amparados e protegidos por instituições políticas. Substitui-se a democracia política e social pela ordem organizada pelo mercado e seus valores que visam a concorrência, a livre iniciativa, o lucro ilimitado. A cultura democrática é superada em nome da lógica do mercado com a consequente tirania do

² Doutorando em Educação na UFRGS. Email: sergiotrombetta02@gmail.com

grande capital. Nada fica intocado pela forma neoliberal de razão, valoração e produção de novas subjetividades formatadas para a concorrência, a individualidade e a cultura empresarial. Somos disciplinados e orientados pelas regras do mercado. Este empresário empreendedor é fundamental na sociedade de mercado. O cerne da ideologia neoliberal está na defesa da concorrência como princípio de sociabilidade, transpondo para todas as esferas da sociedade os valores mercantis, transformando os homens em empresários de si mesmos, como agentes que devem agir como empresa, responsabilizando-os individualmente pelo sucesso ou fracasso de seus empreendimentos. A concorrência é a expressão mais completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa

Está em curso a ditadura dos mercados financeiros que controlam cada vez mais a agenda política e esvaziam o papel social dos Estados. Identificação do Estado com a empresa privada. O governo deve ser administrado como uma grande empresa. Precisamos ter consciência que o capitalismo não é apenas um modo de produção de mercadorias; é um processo de subjetivação tanto quanto um processo de produção. A economia é o método, o objetivo é mudar a alma e o coração das pessoas, tornando-as individualistas e descrentes da democracia política e social. Sua ideologia trabalha de forma intensa para convencer os pobres para se tornarem empresários de si mesmo. Empreendedorismo imposto a todas as formas de atividade e instituição, particularmente às instituições públicas; transformação das relações humanas e das subjetividades com base no modelo do capital humano. O ideal (ideologia) de ser o dono do seu próprio negócio contagiou as mentes de muitos desempregados. A ideologia do empreendedorismo torna-se ainda mais perversa ao atribuir ao indivíduo a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso. Ênfase no indivíduo. A ideologia neoliberal prega que cada indivíduo é responsável por si próprio, a quem é imposta uma "ditadura do sucesso", tornando-se empregável e

garantindo o seu próprio bem-estar, com acesso ao mercado de serviços, como educação, saúde, previdência, dentre outros, que deixam de ser bens públicos para se tornarem privados. A mentalidade empreendedora impede que uma consciência de classe se enraíze. O empresário empreendedor é sempre um indivíduo calculista e com desprezo pelo coletivo, pela cultura democrática. A informalidade e a precarização do trabalho entram nesta lógica.

O neoliberalismo com sua gula ilimitada ao lucro produz desigualdades que se aprofundam. Hoje 1% da população mais concentra mais riquezas do que outros os 99% da população mundial. O antidemocratismo inato do neoliberalismo se traduz na plutocracia como exercício de poder sem participação do povo. Podemos dizer que o liberalismo autoritário e tecnocrático não é uma fase de transição, mas sim a forma governamental apropriada ao capitalismo moderno. Nesta perspectiva, o Estado é devotado ao econômico. A política neoliberal visa afrouxar o controle político sobre atores econômicos e mercados, substituindo a regulação e a redistribuição por liberdade de mercado e direitos de propriedade descomprometidos com o social. Reformar o Estado significa transferir para o setor privado as atividades que podem ser controladas pelo mercado. Daí a generalização dos processos de privatização de empresas estatais.

Entendemos assim que entre os objetivos do neoliberalismo está seu esforço de enfraquecer a democracia e derrotar o social. É preciso demonizar e derrotar o social. Neste sentido, uma das características do neoliberalismo é o controle, o domínio do Estado pelos agentes econômicos (a elite) com foco exclusivo no econômico. Difunde-se uma visão privatista da sociedade, em que se busca a desmoralização de tudo que é público em nome de uma defesa fervorosa do que é privado e se prega a inexorabilidade dessa ordem social, política e econômica. Essa hegemonia da lógica financeira impregna todos os âmbitos da vida

social, instituindo um novo modo de trabalho e de vida, marcados pela volatilidade, efemeridade e descartabilidade, que conformam a flexibilização/ precarização do trabalho transfere serviços públicos sob responsabilidade do Estado para o setor privado e incorpora os valores da gestão empresarial privada na administração pública. Neste sentido é compreensível porque para muitos a participação política esvazia-se diante da ausência de alternativas muito diferentes da ditadura imposta pelo capital financeiro. Muitos aceitam que as coisas são assim mesmo e desistem de se engajar em processos visando transformações. A história não é mais pensada como um tempo de possibilidades, mas é vista de modo fatalista e determinista. As coisas são assim mesmo e não temos o que fazer. O fim da história significa também o fim da política propriamente dita. A democracia é meramente formal e está limitada ao voto. As eleições se tornam em grande medida irrelevantes. A tarefa da política é manter o mercado contente.

A plutocracia da extrema direita assume, na realidade o caráter absolutista e hiperautoritário do neoliberalismo. Que tem como características: autoritarismo – exercício do poder despótico; desprezo pelas instituições e as leis; coloca-se em dúvida o resultado das eleições; ataque ao Supremo; supremacia branca; ódio aos intelectuais, as Universidades, ao ensino público de qualidade e universal; culto a violência; machismo e misoginia; amor ao líder, ao chefe, ao mito; violência para com os adversários; desprezo pela ciência; aversão a filosofia, a sociologia, ao pensamento crítico, as ciências humanas de modo geral; uso da chantagem e da mentira; difusão de fake news, teorias da conspiração; corrupção sistêmica das elites; desconsideração pelos direitos e a dignidade das pessoas; ataque permanente aos direitos humanos; defesa rígida das convenções tradicionais; submissão acrítica à autoridade; preocupações exageradas com o sexo; polarização – a política do nós (bem) e eles (mal); idealização do passado como melhor que os tempos presentes; culto às

hierarquias; anti-igualitarismo – convicção que existem diferenças naturais e insuperáveis entre os seres humanos; aversão a política de cotas, a benefícios sociais - pobre só serve para votar; defesa da meritocracia; aversão ao pobre, ao negro, índios (aporofobia); individualismo extremado; busca do interesse individual – o neoliberalismo do grande capital legitima o egoísmo sem limites; obsessão pela ordem, pela hierarquia e pela disciplina; nacionalismo e xenofobia; os fatos contam menos que as convicções (fanatismo político).

Meu amigo Paulo Freire, mesmo diante de todos estes desafios, seguimos firmes na luta revolucionária em busca de um novo modelo de civilização, porque a democracia autêntica é impossível no âmbito das relações sociais capitalistas. Frente a este contexto dramático para a maioria da humanidade pobre, excluída e inútil para os interesses do capital, nosso desafio enquanto sociedade é trabalhar no sentido de construirmos um projeto de sociedade/cultura que represente de fato uma alternativa revolucionária ao capitalismo em sua versão neoliberal, porque a lógica atual sob qualquer manto que seja não é a solução, mas é certamente o mal social, econômico e a causa dos nossos problemas que agredem e negam dignidade a maioria das pessoas cada vez mais empobrecidas. Precisamos ousar e pensar revoluções profundas e encontrar alternativas sustentáveis do ponto de vista da ecologia, do social e da subjetividade porque este mundo deve ser um lugar onde não seja tão difícil amar e reconhecer a outra pessoa em sua inteira humanidade.

AS LUTAS EPISTÊMICAS NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

Alexandre Evangelista da Silva³

A realidade dos sujeitos e sua situação de mundo assumem significados de ação política e cultural, correlacionados com outras leituras e a perspectiva de Paulo Freire (2016) na obra *Pedagogia do Oprimido*, Primeiro Capítulo, da sua 60ª. Edição.

A ação política não pode dissociar sujeito e contexto histórico-cultural. Nesse caminho, a ação sempre tem conteúdo político. A ação que despolitiza os sujeitos ou são dissociados da sua cultura é na realidade uma operação mecanicamente disposta de obediência à ordem construída pelos invasores, as elites sociais.

As elites sociais são por nós denominadas de grupos hegemônicos (os antagônicos, contrários aos oprimidos). Os grupos hegemônicos se apropriaram dos significados para à exploração capitalista e ocupação do lugar político nos ordenamentos régios. Eles expropriaram⁴ a ética e a ancestralidade afro-ameríndia pela igreja católica que impôs designios e conversão forçada ao cristianismo. Com isso, as identidades indígenas e africanas foram consideradas de raças inferiores, violentamente massacradas, naturalizando-se a negação de significados aos oprimidos, impondo-lhes uma consciência colonizada (FANON, 1968; 2008; QUIJANO, 2005).

³ Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste e professor de História, Ensino Fundamental II (Séries Finais), Secretaria Municipal de Educação de Jaboatão dos Guararapes. E-mail: arquivope@yahoo.com.

⁴ Expropriação significa roubo dos pobres pelos ricos ou Estado. Cf.: Quijano (2005).

Os processos de expropriação e apropriação dos significados tem um divisor de águas chamado de situação limite: a) na permanente submissão e negação da subjetividade na consciência hegemônica hospedada dentro do oprimido ou; b) do reconhecimento para com o outro no rompimento aos ordenamentos e desígnios dos grupos hegemônicos pela transformação de significados da consciência crítica. Segundo Freire (2016, p. 76), para que “as massas populares cheguem a “inserir-se”, criticamente, na realidade [é um desafio]. De modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como “situação limite” que lhes parece intransponível”.

Nessa situação limite, a opressão coloca e posiciona os sujeitos como submissos ou opressores. Os grupos hegemônicos afirmam significados de acumulação de recursos e opressão política. Os oprimidos são expropriados de significação pelos grupos hegemônicos de todas as formas, inclusive da própria dignidade humana, imersos na reprodução da violência e pobreza, em uma visão de mundo limitada às precárias condições de vida como animais deserdados do progresso.

Decorrente da situação limite existem dois caminhos a seguir: pela expropriação do *Ser Menos* e a transformação do *Ser Mais*. O *Ser Menos* é um sujeito a-histórico, inconsciente e egoísta, dissociado dos processos sociais, sob os ordenamentos e desígnios hegemônicos. Ele se identifica com quem lhe oprime e inferioriza não reconhecendo a própria situação de opressão, aderente às submissões. Nessa condição, reproduz as premissas individualistas com a ilusória expectativa de um dia ser aceito pelos grupos hegemônicos. Assim, o *Ser Menos* foi expropriado e desumanizado, levando o opressor para dentro de si. Como discute Freire (2016):

Não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos. O seu conhecimento de si mesmos, como

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)

oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora [...]. A identificação com o seu contrário (FREIRE, 2016, p. 66).

Enquanto tocados pelo medo da liberdade, se negam a apelar a outros e a escutar o apelo que se lhes faça ou que se tenham feito a si mesmos, preferindo a gregarização à convivência autêntica (FREIRE, 2016, p. 69).

No entanto, o *Ser Mais* se constrói dialogicamente, isto é, no diálogo entre os seus semelhantes nos processos de ação, reflexão e consciência crítica. O *Ser Mais* reconhece as injustiças e desigualdades sociais buscando uma mudança de significado da sua condição de submissão. Assim, o *Ser Mais* autorreconhece o processo histórico, em ressignificações transformadoras, de uma ação política construída pela reflexão do seu lugar social. Para isso, o *Ser Mais* parte das experiências políticas de movimentos sociais no questionamento ao poder invasor. Nesse caminho, o *Ser Mais* constrói uma consciência crítica para novos projetos de vida e trabalho emancipatório, sem a migalha do opressor, e sim o fruto da ação coletiva dos próprios sujeitos para a liberdade, da ordem opressora vigente:

Daí a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais (FREIRE, 2016, p. 69).

O importante, por isto mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se (FREIRE, 2016, p. 82).

Destas duas perspectivas, o *Ser Mais* é um parâmetro na dialética entre ser e mundo. Nesse caminho, a consciência

crítica busca uma realidade não-opressora. Para libertar-se das situações limite, ressaltando subjetividades e (des)construções de significados com o mundo. Indissociando ação e reflexão, toda a atividade política é um ato cultural:

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência (FREIRE, 2016, p. 97).

Esse pensamento de que toda a ação política é um ato cultural sublinha nossa perspectiva de lutas epistêmicas. Com isso, problematizamos a cultura do silêncio reproduzida em nossas escolas e no meio acadêmico. Em uma perspectiva da quebra da cultura do silêncio não existe neutralidade nos processos de ensino-aprendizagem. A cultura do silêncio só pode ser desconstruída com a voz dos sujeitos afirmados sobre as suas necessidades de mundo, a partir da escuta de seus significados. Então, enunciados impostos não tem lugar, mas enunciados feitos ente os sujeitos. O que permite denunciar criticamente o lugar e as condições de mundo. Ou seja, os significados construídos e reconstruídos em um processo contínuo, de inacabamento epistêmico (os homens são seres inconclusos, quanto também são inconclusos os significados moldados por eles sobre o mundo).

Dessa maneira, torna-se possível aos sujeitos reorganizarem o seu pensamento e ação política em um processo de lutas epistêmicas. O exercício do pensar se faz não pelas ideias, todavia na prática do saber dentro da vida (como os vocabulários, ordem de mundo, práxis na vivenciados pelas educandas e educandos). As vivências do saber podem ser

potencializadas em um caráter transformador, ao se fazer a ação sempre associada à reflexão, no pensar para o agir e vice e versa. O resultado da ação-reflexão é a crítica reflexiva, uma capacidade permanente para que os sujeitos sejam sujeitos da ação do saber. O que enseja a autonomia construída como ação crítica e reflexiva. Portanto, uma ação transformadora mais profunda, indissociando política e cultura, no viés de lutas epistêmicas.

Nesse caminho, as lutas epistêmicas são construídas pelos próprios sujeitos na afirmação da sua voz e da sua ação crítico-reflexiva. Primeiro, os sujeitos devem reconhecer a sua capacidade de verbalizar, de se organizar, de conceituar o mundo. Segundo, de posse dessas capacidades, desconstruir as contradições da neutralidade epistemológica retirando as camadas opressoras do saber (como práticas antidialógicas da *educação bancária*, enclausuramento do espaço escolar, o dirigismo de conteúdos pedagógicos alheios à vida das(os) educandas(os), a memorização de comunicados, práticas transcritivas, a voz concentrada no professor, etc).

Em uma nova perspectiva, os sujeitos refazendo saberes dialogicamente com os outros, desconstruindo hierarquias e limitações coloniais, em uma linguagem esperançosa e transformadora. (Re)fazendo-se para *Ser Mais*, como sujeitos epistemicamente fortalecidos, agentes e construtores.

Palavras-chave: *Ser Menos. Ser Mais.* Lutas Epistêmicas.

Referências

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. 3.ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

EDUCAÇÃO AGROECOLÓGICA: ENTRE A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E A MANUTENÇÃO DA VIDA

Antônio Severino da Silva⁵

Camarada Freire escrevo esta carta com o coração cheio de esperança. Esperança que este novo tempo possa se constituir em novas e positivas propostas tanto para a educação como um todo, quanto para a agricultura familiar e para a passagem para a agroecologia, pois sou professor das escolas do campo e tenho visto a educação e a natureza serem constantemente atacados e agredidos em seus direitos. Sendo assim faz-se cada vez mais necessário no debate educativo o uso de um discurso que esteja ligado às práticas e ao cotidiano dos sujeitos do campo. Um debate dialógico, na busca de uma educação libertadora, norteador pela esperança, capaz de gerar verdadeiramente uma ação coletiva dos atores sociais capazes de pensar e agir. Debate este que vem sendo negligenciado nos espaços educativos que ainda trazem um currículo distante da realidade dos estudantes.

Uma educação como processo de formação humana, capaz de construir referências culturais e políticas buscando alternativas para que os sujeitos sociais intervenham na realidade visando a humanização plena. Sendo assim nosso objetivo em escrever esta carta é pensar como a educação pode contribuir com o processo de construção de uma produção de alimentos saudáveis a partir da perspectiva agroecológica.

Freire propõe que cada vez mais os sujeitos possam ler criticamente a realidade em que estão inseridos para com isto

⁵ Membro dos movimentos sociais do campo, sócio do Centro Paulo Freire, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEduC). Professor da Rede Pública Municipal de Bezerros, com atuação no território camponês. E-mail: antonio.severinosilva@ufpe.br

poder construir-se como seres humanos. Dentro dos espaços que buscam a mudança e a consciência social a educação tem papel preponderante nesta construção pela conscientização e reflexão dos problemas reais que tocam a comunidade. Pretendo nesta carta pensar os problemas vividos no cotidiano dos espaços rurais buscando teorizá-los, pois tais problemas que são relevantes para as ciências sociais o são, antes, para a construção da autonomia dos povos camponeses.

Pensar a agroecologia bem como a produção de alimentos nos dias atuais passa também pelo debate educativo, pois toda ação cultural é também uma ação educativa. A produção de alimentos se dar na terra, assim para que ela aconteça de forma democrática é preciso também democratizar a propriedade, a posse e o uso da terra. Democratizar a terra como direito, para que todos possam a partir deste uso produzir vida e defender e manter a natureza. Não tendo a terra como mercadoria de compra e venda, mas de vida. Produzindo relações com o território, com os seres, com a natureza e com a comunidade ao qual este se insere. Segundo Martins (2022, p. 215) “a terra se tornou um ativo financeiro dentro das possibilidades de diversificação dos investimentos dos grandes grupos econômicos, como bancos, sociedades anônimas industriais ou comerciais [...]”.

comprometidas com a sustentabilidade ambiental e social e com a soberania alimentar, por meio de um novo modelo de ocupação e uso da terra urbana e rural, com reforma agrária e agroecológica, com a defesa da natureza, das florestas e rios, com a construção de sistemas alimentares sustentáveis, incluindo a produção e consumo de alimentos saudáveis, com a biodiversidade e com o processo de reflorestamento. Com um governo que apoia a pequena e média propriedade agrícola, em especial à agricultura familiar. Executando políticas de compras públicas de alimentos oriundos da agricultura familiar, servindo de incentivo à produção de

alimentos saudáveis e de qualidade. Estimulando à ampliação das relações diretas dos pequenos produtores e consumidores com a escola, a comunidade e principalmente com seu território.

Neste sentido Freire (2006, p. 77) nos convida a intervir na realidade ao afirmar que “a acomodação em mim é apenas caminho para inserção, que implica *decisão, escolha, intervenção* na realidade”. Penso nesta fala ao pensar o processo de passagem de uma educação bancária para uma educação libertadora, capaz de levar os sujeitos a intervir na realidade, na passagem de uma produção agrícola de morte para uma produção agroecológica, produzindo além de alimentos saudáveis, soberania alimentar, erradicando a fome e sobretudo construindo uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao dar passos para a intervenção na realidade devemos buscar dentro dos padrões agroecológicos construir nossos próprios biofertilizantes, bem como nossos defensivos biológicos, para ter liberdade e redução dos custos de produção sem perder a qualidade. Bem como construir agroindústrias na forma de cooperativas, com divisão do trabalho e do lucro, estimulando o surgimento de outras profissões, produzindo para ter renda e fortalecendo o trabalho coletivo para desenvolver consciência de classe.

Desenvolver a produção de máquinas agrícolas para a produção agroecológica, não apenas para o mercado e para o lucro. Com um processo de educação dos povos do campo que se estabeleça desde a creche até a universidade, com a pedagogia da alternância presente nesta construção. A partir de um currículo que seja capaz de trabalhar no chão da sala de aula aquilo que os sujeitos vivem em sua realidade diária, que seja expressão da cultura dos saberes do povo.

Uma educação presente na vida do sujeitos e um campo promotor de consciência e humanização. A humanização como resultado do processo de reconhecimento de si e do outro, da

realidade existente, das diferenças, da tomada de consciência, do direito de se posicionar socialmente, enfim, da construção de um mundo comum. Para Freire (2021) a educação dialógica promove a humanização, pois parte de uma formação crítica e emancipatória.

De acordo com Freire (2021), em sua obra *Pedagogia do Oprimido*

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos (FREIRE, p. 41).

Para o autor, a relação opressor-oprimido, é composta por um *ser menos* (opressor) e um *ser mais* (que será oprimido), onde o opressor desenvolve um processo de desumanização, fazendo com que o outro perda sua essência de humano e se torne um ser menos. É nesse sentido, que a educação atua como humanizadora, promovendo a liberdade desses sujeitos para enxergarem em si capacidade de lutar e intervir no mundo.

Promovendo uma sociedade mais justa, oferecendo alimentos saudáveis para seus sujeitos, defensora de seus valores e de suas identidades. Fortalecendo a agricultura familiar, seus vínculos com a terra, a vida, a saúde, a produção de energias renováveis e principalmente um povo capaz de manter a esperança em dias melhores.

Ao concluir esta pequena carta espero como resposta a possibilidade de construirmos juntos tanto uma educação para a vida e não para o mercado, quanto uma agricultura

agroecológica capaz de sana a fome em que encontram milhões de pessoas mesmo vivendo em um país que produz mais comida do que seu povo precisa, um país que alimenta o mundo e não consegue alimentar sua própria gente. Gostaria também de debater qual será o caminho para superar a crise alimentar e ampliar a produção de alimentação adequada e saudável, por meio de medidas que reduzam os custos de produção e o preço de comercialização de alimentos frescos e de boa qualidade.

Palavras chave: Educação do campo. Agroecologia. Produção de alimentos.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MARTINS A. F. G. **A questão agrária no Brasil**, São Paulo, Expressão Popular, 2022.

EDUCAÇÃO DIALÓGICA TRANSFORMADORA NOS PRINCÍPIOS DA ÉTICA E DA AMOROSIDADE

Cristiane de Oliveira Alves⁶

Querido mestre Paulo Freire,

É com muita satisfação que lhe escrevo esta carta. E com muita emoção também. Uma emoção parecida como em 2014 quando pisei no chão de uma universidade pública pela primeira vez e estive inserida no universo acadêmico. Ao longo desses anos trilhei alguns caminhos em minha formação, dialoguei, construí pontes de aprendizagem com colegas e nos deixamos levar pelo que o ser humano tem de mais valioso nas interações sociais, a amorosidade. E foi nesse caminho entre formação e amorosidade que cheguei até aqui, no curso de formação de trabalhadores e trabalhadoras da educação na perspectiva Freireana. Quero lhe contar também que esse caminho foi árduo porque minha formação escolar foi baseada na educação bancária que poda os pensar crítico, fui amadurecendo até sair da caverna. Este modelo de educação engessada que o senhor tanto nos encoraja a desconstruir visando libertar os educandos das cavernas ao qual são obrigados a permanecer durante a vida. No entanto, entre um caminhar e outro fui ajudada a viver a educação libertadora, a construir conhecimentos a partir da contextualização do espaço aberto à coletividade, no ouvir e refletir. Então aqui estou a escrever sobre esses últimos meses, de encontros que me permitiu olhar com atenção e cuidado para minha atuação enquanto trabalhadora na saúde pública. Ao refletir sobre isso, lembro-me de minha trajetória até aqui, as relações com as pessoas que encontrei e encontro nesse caminhar educativo e

⁶Graduada em Pedagogia (Educação do Campo) UFPB. E-mail: cristianeacsr2@gmail.com.

de trabalho. Aprendi a ouvir melhor compreender o outro como um exercício contínuo.

A cada módulo vivenciado realizei reflexões pautadas na minha prática cotidiana, na função de agente comunitária de saúde. Eu convivo e vivo diariamente a educação permanente no universo popular. Cada família visitada é um mundo a qual adentro revestida do respeito e de tolerância. Vivencio questões éticas, tema essencial que está ligado à vida em sociedade, que abrange a coletividade e se faz presente no respeito à diversidade nessa convivência com pessoas e famílias. A ética determina minha conduta enquanto profissional nas interações com os sujeitos.

E neste sentido de valorização da ética em respeito ao próximo que o tratamos com mais humanização e nos construímos seres mais humanizados, sujeitos de nossa prática e vivências educativas. Tenho a plena ideia de que sou e do outro como ser humano e como ser em construção, inconcluso, inacabado que está em busca de reflexões sobre sua existência de experimentar o “inédito viável” e de transformações ligadas à esperança de vida e de dias melhores. Como exemplo, tenho observado as questões de religiosidade e práticas religiosas diversas das pessoas e famílias que acompanho como um exemplo de busca pela esperança, possibilidade de libertação, o encontro com o divino, à relação com a espiritualidade faz parte da cultura do nosso povo. É uma das possibilidades que me faz exercitar a tolerância, pois a educação em saúde exige de minha parte compreender a construção social e cultural, saber ouvir e ter plena disponibilidade para o diálogo. Compreendo a educação como um ato político, crítico e libertador. Assim como Freire nos orienta: que a prática do ensinar envolve o movimento dialético de agir, realizar e refletir sobre a ação. É a ação de um processo pedagógico humanizado e disposto ao ato de solidariedade.

Além do compromisso social com a educação, compreendo ao ler suas palavras que para isso nos fazemos educadores no processo de transformação com os sujeitos educandos. E essa relação com os educandos é que irá fortalecer a autonomia, é amadurecimento, é um processo. Como diz a obra: saberes necessários à prática educativa. Entendo assim que esses saberes se estendem a todas as relações no meu cotidiano, sejam elas formais ou informais, numa conversa com os colegas, nas rodas de diálogo nas unidades de saúde, no educar das crianças em casa.

Essa libertação e autonomia se dão na dialogicidade do meu trabalho, quando eu falo e principalmente quando escuto meus usuários/as. Durante essa comunicação é construída uma relação de confiança que me ajudará a entender cada sujeito e sua realidade e farei da problematização de questões em saúde uma ferramenta de transformação que irá auxiliar na construção do conhecimento, no autoconhecimento junto a essas pessoas. A educação em saúde nos permite realizar trocas de saberes pelos discursos e na prática, nos conduz à reflexão para dar resolutividade há mais possíveis e diversas situações. Na interação nada é acabado, estamos sempre em busca problematizar a importância do contexto para melhor compreender cada singularidade. A prática é que irá delinear as respostas, a construção libertadora do entendimento por parte das pessoas. Educar para saúde é movimento que orienta, valoriza o coletivo e a diversidade. A cada encontro no curso de formação me permiti refletir sobre a identidade e cultura das pessoas, a melhor forma de abordar temáticas diversas, tudo com muita ética e respeito. Sou uma educadora e minha formação está em constante transformação.

Assim, costuro em minha formação mais um retalho do conhecimento, nessa grande manta da vida que compartilho com os meus semelhantes. Que me faz um ser humano melhor, disposto a construir um conhecimento libertador, crítico de sua

existência no mundo em que não se pode faltar a esperança e amorosidade.

Quero também lhe informar do contexto político atual em nosso país. Nos últimos anos a nossa democracia tem sofrido abalos e riscos profundos. Muito do que foi construído para educação e da utopia nos corações e na mente dos educadores vem sofrendo abalos, desconstrução. A diversidade do nosso povo não é levada em pauta, a educação deixou de ser prioridade, as questões de gênero são negligenciadas e demonizadas. Paira sobre nós um período de incertezas e nosso povo pobre padece pela falta de esperança e de dias difíceis. Mas também quero lhe contar que em meio há tantas dificuldades a grande maioria do nosso povo brasileiro conseguiu acender a chama dos ideais que valorizam a coletividade, o bem comum. Conseguimos a muito custo lutar contra mentiras, calúnias do sistema opressor. Fortalecemos a esperança de dias melhores elegendo democraticamente no dia 30 de outubro de 2022, pela terceira vez nosso conterrâneo nordestino, sem diploma universitário, metalúrgico, Luís Inácio Lula da Silva. Nosso presidente tomará posse dia 01 de janeiro de 2023 e trará mais uma vez a esperança para muitos brasileiros no combate à fome e também na garantia do acesso à educação básica de qualidade para muitos jovens e adultos que sonham, possam chegar a pisar e cursar universidade assim como esta mulher, nordestina, mãe, agente comunitária de saúde que vos escreve cheia de emoção e de alegria conseguiu por meio de uma política pública que ampliou as portas da universidade.

João Pessoa, 21 de novembro de 2022.

Palavras-chave: Amorosidade. Educação. Ética. Diálogo.

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

EM BUSCA DA AFETIVIDADE

Zumar Cleide Queiroz de Oliveira⁷

Ilustríssimo Dr. Paulo Freire, primeiramente venho me apresentar na condição de nordestina, recifense, mulher, estudante, mãe e filha nascida e criada na periferia do Recife e professora há vinte e três anos em escolas particulares e públicas municipais de Pernambuco. Venho através desta carta expressar a honra em participar desse momento de partilha.

Como professora em formação permanente sinto a necessidade de estar cada vez mais conectada aos grupos que dialogam sobre seus pensamentos, pois, estes são essenciais para compreender os contextos, as relações e a problematização atrelada à dimensão educacional. Dessa maneira, criei coragem para escrever-te, instigada a refletir e repensar como à prática docente afeta e é afetada sobre outros ângulos, à medida que,

[...] a afetividade é a base estrutural de todo conhecimento. Freire realiza na prática a vigência dessa concepção. Para Ruth Cavalcante, que conheceu e trabalhou com Freire, a afetividade é a fonte de motivação do conhecimento (CAVALCANTE, 2008).

Outros autores acrescentam, “assim como a amorosidade é a característica principal da vida, permeando o universo” (TORO, 2002), “a afetividade em nós está presente em todas as dimensões do nosso ser e da nossa ação. O afeto é o dinamismo que está na origem, no processo, nas estruturas e no significado do conhecimento e de tudo que somos e

⁷ Professora das redes municipais de Olinda e Camaragibe, estudante de mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, e participante do curso promovido pelo Centro Paulo Freire no ano de 2022. zumar.oliveira@ufpe.br

fazemos” (DALLA VECCHIA, 2005). Diante dos significados expostos, fico feliz em aprofundar mais conhecimentos sobre o tema para ampliar o nosso diálogo.

Nesse sentido, compreender a afetividade presente em nós como motivadora do processo que envolve a formação do ser em todas as dimensões, me transporta ao encontro dos sentidos e significados para a docência, pois “a afetividade envolve a totalidade de nosso ser” (TORO, Apostila, I. B. F.23). Portanto, em busca de compreender melhor a totalidade do ser, segundo Vecchia (2007), o projeto pedagógico e antropológico, gira em torno do ser que se torna liberto, à medida que adquire a capacidade autônoma em tomar suas próprias decisões em prol da mudança de si e da sociedade. Contudo, ser professora a colaborar na tarefa do ser liberto diante das amarras do projeto de desumanização, não é tarefa simples, mas estarmos procurando alinhar os passos, à medida que juntos dialogamos em grupos e buscamos aprimorar cada vez mais o pensamento crítico sobre a nossa prática docente, ilumina um caminho.

Nesse caminhar, não cabe a concepção ingênua sobre a dimensão da afetividade desassociada da realidade, do aproximar as pessoas, da totalidade do ser e do fazer educacional que tem nos distanciado a esperar outros caminhos. Para tanto, faz-se necessário grupos de reflexões e ações que ampliam o olhar para a humanização nas dimensões que envolvem o diálogo mediador entre educadoras, educadores e estudantes sobre a ação política que vive em busca do ser mais integrado:

[...] da educação permeada pela afetividade, pelo diálogo, pelo questionamento, pela conscientização oriunda de um processo comunitário, solidário e integrado de abordagem da realidade e do engajamento efetivo na mudança. Tudo se origina de um sentir a realidade, um pensar sobre este sentir e uma ação consequente e engajada. O homem é um ser inacabado, em

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)

permanente realização cognitiva e sócio-histórica, possível pela integração afetiva professor-aluno. (DALLA VECCHIA, 2007).

Nesse sentido, compreender a ação de integração afetiva professor-aluno atrelada à perspectiva maior de engajamento no projeto social e político, do bem coletivo em favor da sociedade mais justa para mudança e transformação real das estruturas desumanas, opressivas da sociedade, envolve ações que necessitam de consciência política afetiva.

Apreendi que, "O que importa na formação docente é à compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser 'educado', vai gerando a coragem" (FREIRE, 1999, p. 50). Dessa maneira, compreender toda a dimensão intrínseca ao projeto de humanização, de certa forma nos fortalece a ajuntar para o fazer diferente, o fazer coletivo, para a construção da ação positiva comprometida com a mudança e a transformação do ser mais.

Pensando no projeto de humanização social do ser mais, partindo da criação e construção do processo dialógico educativo que ilumina à prática docente e não o inverso. O senhor é inspiração para educadoras e educadores da escola pública que necessitam de um mundo melhor com jeito de gente, que sente esperança, que respeita e age com amor em busca desse sonho.

Pergunto-me se um dia iremos conseguir? O fato é que estar em grupo dialogando na busca incessantemente pelo pensar crítico, esperando, esse grupo ainda existe! Ele continua resistindo, persistindo, é uma extensão sua, ele é uma beleza! Nele eu apreendi que a maneira senão a única de superar o ódio é através do amor, isso, mudou à minha maneira de ver o mundo e as pessoas.

Sou eternamente grata por todo aprendizado!

CARTAS PEDAGÓGICAS POR TRABALHADORES/AS DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA
FREIREANA

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)

Professora Zumar!

A FORMAÇÃO DOCENTE COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO A ESPERANÇA ME INSPIRA

Laura Pereira Leite dos Santos

Estimado professor Paulo Freire,

Tomada pela alegria e gratidão por estar aqui concretizando mais uma etapa dessa minha trajetória docente e cheio de esperança de dias melhores é que eu enquanto educadora busco através da escrita dessas palavras retomar o aprendizado mais que necessário da esperança e de tantos outros saberes imprescindíveis a prática docente. Esta carta professor, é uma carta em agradecimento a muitos aprendizados que contigo aprendi e que ainda continuo aprendendo e que hoje ilumina a minha caminhada docente em busca de uma educação transformadora.

Os duros tempos que vivemos nesses últimos anos, tomado pela intolerância política, pelo negacionismo científico, e por um tempo de inexistência do diálogo e um desgoverno que banaliza a vida, que ataca a educação e os educadores, e que ameaça à democracia, nos impõe a necessidade de esperar. Ensinar exige esperança. Este é um entre tantos outros saberes necessário à nossa prática docente, que contigo aprendi. A esperança de quem não espera acontecer, mas que cotidianamente possa agir tendo como horizonte de suas ações uma sociedade mais humana, justa, amorosa e solidária.

Essa esperança me anima a sonhar com dias melhores, de mais possibilidades, de justiça e igualdade social, guiada por nossos projetos e ações sobre o mundo. Projetos e ações que se fundamentam na compreensão de que a educação é uma prática social e humana, e deve estar em benefício da humanização dos sujeitos. Uma educação orientada pela ética, pelo respeito ao outro e pela vida, e que não seja uma

educação a serviço do sistema mercadológico, da submissão do sujeito, da coisificação do ser humano e da alienação.

Uma educação pautada na conscientização dos sujeitos como sendo protagonistas de sua história, e que se colocasse “numa postura de autorreflexão sobre seu tempo e espaço” (FREIRE, 2015, p. 38), para que seja capaz de dar autonomia as pessoas através do conhecimento, numa perspectiva de construir uma educação problematizadora e conscientizadora. Por essa razão, a educação que você nos ensinou, nos faz acreditar que é possível pensar numa educação para todos, que abrange as culturas diversas, que repudia a discriminação, valoriza os sujeitos e é construída a partir do diálogo.

Como educadora que sou e estou sendo no mundo, permanentemente me formando, ponho-me a pensar em outros tantos saberes que você, professor nos deixou. Saberes necessários à nossa prática docente: o saber da alegria que é tão necessário à nossa prática como educador e educadora, e nos faz seguir adiante pela vida. O saber da humildade necessário ao educador, que é totalmente oposto da arrogância de quem não se abre para a mudança, para o diálogo com o mundo e os outros. O saber da busca, da curiosidade, da pesquisa, do aprender... como bem defendido pelo professor. “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2014, p. 16). Esses e tantos outros saberes que está sempre presente na minha difícil caminhada nestes tristes tempos de ameaça a vida, a educação e a democracia.

O novo normal pós pandemia trouxe muitos desafios para nós educadores e educadoras. Esses tempos difíceis que vivenciamos nesses últimos anos, tempos de pouca problematização, de intensa propagação de notícias falsas, baixa tolerância a frustração, ânsia por respostas rápidas, tem

refletido diretamente nos espaços escolares. E está sendo desafiador lidar com todas essas situações no cotidiano dos nossos espaços escolares.

No entanto, é desafiador e necessário problematizar as relações existentes no mundo escolar, esses espaços que cada vez mais se torna mais diversificado. Portanto “problematizar, porém, não é sloganizar, é exercer uma análise crítica sobre a realidade problema” (FREIRE, 2013, p. 165). É inevitável que esse novo normal nos desafie a pensar os rumos que a educação se apresenta, e nos recusamos a aceitar uma educação bancária que coisifica o ser humano, e não se coloque a serviço do combate às desigualdades. Assim, nesses tempos de tamanha batalha que enfrentamos no nosso cotidiano, os seus ensinamentos me fortalecem e inspiram a superar a tristeza, a construir a alegria e transformar desesperança em esperança para seguir resistindo, lutando, acreditando, fazendo uma educação a serviço de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Professor, infelizmente percebo o nosso povo, trabalhadores e trabalhadoras, sendo usados como massa de manobra, em defesa de um presidente genocida, sem escrúpulo. Esse povo na sua consciência ingênua por meio de palavras propaga um discurso alheio, um discurso que não é seu, e está sendo idealizado por aqueles que detém o poder, o dinheiro. Vivemos uma crise de valores, de identidade, de ascensão antidemocrática, de banalidades, de indiferença, de miséria humana. Muitas das vezes nos dá um desânimo, mas como educadora não posso perder a esperança, pois é ela que nos inspira nos move, nos coloca de pé, que nos faz seguir adiante. O educador e educadora se encontra “inserido na densa realidade da vida dos homens em seu contexto social, econômico e político, e está inseparavelmente tomado pela busca da superação em direção ao mais-homem pela justiça e esperança” (FREIRE, 2015, p. 13).

Nesse sentido professor, o curso Formação de Trabalhadores e Trabalhadoras, da Educação, na perspectiva Freiriana, me ajudou muito, os encontros aconteciam a cada quinze dias, o diálogo se apresentava a cada encontro, cada participante tinha direito a fala, eram diferentes pessoas dialogando e validando suas ideias, suas reflexões, suas experiências. Em meio aos discursos e as trocas de experiências, percebi que não estava sozinha, mas que erámos um grupo em prol de uma mesma causa.

Por isso que precisamos nos fortalecer, nas leituras dos seus escritos, nos diálogos, nas trocas de experiências, nos sonhos que idealizamos, por um outro mundo. Esse encontro, mesmo estando tão distante um dos outros, nos deu a oportunidade de estarmos todos reunidos, numa mesma sincronia do amor, da esperança, da ética, da perseverança, do diálogo, do inédito viável, do ser mais, da consciência crítica... Mas, professor, ainda tenho muita dificuldade em entender os seus escritos, as categorias que se apresentam ainda é muito complexa para meu entendimento. No encontro do professor Nelito, ele falou da complexidade nas leituras do professor. No entanto, disse que precisamos continuar lendo e tendo acesso a novos tipos de conhecimento, superando a consciência ingênua em transição para uma consciência crítica, tão necessária a prática docente.

Portanto, espero nesse caminhar que hoje me apresento, continuar lendo e tendo a oportunidade de compreender ao ponto de trazer e transmitir o conhecimento, de uma forma mais prática para as pessoas, para meus alunos e minhas alunas. Sem querer tornar algo tão simplista, ao ponto de perder a profundidade da sua obra. Mas, que eu possa trazê-los de uma forma que todos e todas compreendam e sintam-se inspirados pelos seus escritos e ensinamentos. Assim como o professor Nelito e outros professores me inspiraram com os seus ensinamentos, quero poder inspirar outros/as.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 24. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

CONSTRUINDO PONTES E FORTALECENDO CAMINHOS: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS À LUZ DA PEDAGOGIA FREIREANA

Maria Ana Paula Freire da Silva*

Recife, 21 de novembro de 2022.

Querido Paulo Freire,

Sinto-me tão à vontade e intimamente ligada a você, que abrirei mão de certas formalidades estéticas e tentarei estabelecer um diálogo muito próximo e certamente não serei por você criticada, tamanha sua amorosidade e delicadeza, quer com as palavras, quer com gestos. Sou educadora há trinta anos e parece que sou por toda a minha vida, pois me sinto impregnada por essa arte, como diria nosso também muito amado Rubem Alves (2015, p. 39) “A educação é uma arte. O educador é um artista”, definitivamente não me encontraria fora dela. Paulo, eu não o conheci na infância, nem na adolescência, tampouco foi no curso de graduação, cuja pretensão era me formar em professora de Geografia, como de fato aconteceu. Entretanto, o excesso de especialização pode nos distanciar da curiosidade, que nos dá condições de avançar em águas mais profundas. Foi somente depois, com os pés dentro da sala de aula, que comecei a perceber, na prática, a falta que você fazia. Uma falta não sei de quê, que eu sentia sem saber nem porquê. O que me valia era a minha inquietação, minha esperança, da minha busca pelo “Ser Mais, como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, [...]” Freire (2013, p. 76). Encontrei-me com você, Paulo Freire, e passei a considerá-lo um amigo importante e íntimo, a quem anuncio na minha prática.

A leitura e o estudo das suas obras ampliaram significativamente minha visão de mundo, minha consciência e responsabilidade enquanto profissional, que não me exclui da

responsabilidade enquanto ser gente. Nessa minha incessante busca, paulatinamente me dava conta da importância das suas obras, para meu caminhar enquanto pessoa humana e educadora, consciente da minha integração com a realidade vivida por mim e pelos meus/minhas estudantes. Aprendi com você, “que o homem não vive autenticamente enquanto não se acha integrado com a sua realidade” (2003, p.11), daí em diante, passei a refletir ainda mais criticamente sobre a minha prática, que extrapola os muros, que ganha as casas, os quintais, as ruas. É essa busca, meu dileto amigo, que me fortalece na caminhada que não é leve, nunca pensei que fosse.

Como “Ensinar exige a consciência do inacabamento”, (2013, p.49), permaneço buscando, aprendendo enquanto ensino e ensinando enquanto aprendo. Eu te encontro, Paulo, nas minhas aulas dentro ou fora da sala de aula, nos becos e escadarias da comunidade, ouvindo meus meninos e meninas no lugar onde estão acostumados, respeitando a leitura de mundo deles e delas, “escutando que aprendemos a falar com eles” (2013, p.111). Te encontro na Escola de Formação que tem o seu nome e onde posso dialogar com meus pares. Te encontrei aqui, no Curso Formação de Trabalhadores e Trabalhadoras da Educação na Perspectiva Freireana, justamente em um momento tão importante da história do nosso país, uma luta significativa em prol do respeito à democracia, pois, o que aparentemente parece óbvio, não é compreendido por todos e todas. Me lembro aqui o Milton Santos (2000, p.168-169) dizendo que “A velocidade com que cada pessoa se apropria da verdade contida na história é diferente, tanto quanto a profundidade e coerência dessa apropriação”. Lutar é preciso. Você mesmo nos comunica, “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso”, Freire (2020b, p.48). O curso ao qual me referi foi dividido em módulos e teve o objetivo de nos fazer interagir com algumas categorias presentes na sua vasta obra considerada de valor

incontestável à práxis libertadora na educação, dessa forma, como educadora progressista, ciente do meu processo de inacabamento, bebi dessa fonte.

Meu dileto amigo, como seria bom estar diante de você para contar-lhe com riquezas de detalhes o que aprendi neste curso, as coisas que partilhei estando imersa nos seus ensinamentos. No primeiro encontro, tratamos sobre a ética, a tolerância e intolerância como prática de liberdade. Uma prática libertadora pautada “na superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos” (2020b, p.82), um exercício pleno de humildade, de ética e respeito à condição do outro, da outra como sujeitos de direitos, construtores de liberdade e oposta à educação bancária.

No segundo módulo, tivemos a dialeticidade entre situação limite, inédito viável e inacabamento do ser humano. Nos enfrentamentos das nossas realidades enquanto educadores, educadoras, não podemos sucumbir à alienação a qual historicamente fomos forçados/as, ao contrário, devemos permanecer atentos e atentas na luta pela nossa humanização, pela nossa afirmação enquanto homens e mulheres livres, tendo um cuidado muito grande de não nos tornarmos nós mesmos, nós mesmas, opressores, opressoras.

A temática seguinte nos trouxe a “Formação de trabalhadores(as) da educação libertadora”, uma interação imediata com o texto sobre a formação integral dos sujeitos, problematizando conceitos e vinculando-os à nossa prática, e nada melhor poderia ter trazido se não a sua grandiosa obra, a Pedagogia da autonomia. Vou confessar uma coisa aqui, este é o seu livro que releio com mais frequência. Este livro tem uma força, tem jeito doce de dizer verdades que precisamos saber, “*Ensinar exige...*” quefazeres necessários à uma prática libertadora.

O encontro seguinte trouxe o “Diálogo em Paulo Freire”, passaríamos horas tratando desse tema, não é mesmo? O diálogo é ponte, é caminho, por isso você nos diz que “ensinar exige diálogo”. Infelizmente a falta de diálogo expôs o Brasil a episódios tristes que ficarão marcados na história. Relembrando seu recado, “agora, tantos anos depois e cada vez mais convencido do quanto devemos lutar para que nunca mais, em nome da liberdade, da democracia, da ética, do respeito à coisa pública, vivamos de novo a negação da liberdade, o ultraje à democracia [...]”, (2016, p.86). Por esta e outras razões, é tão importante a educação progressista, por você anunciada.

Bom, estudando sua obra e entendendo porque tanta gente pelo mundo inteiro continua caminhando com você, não poderia faltar neste curso a amorosidade, quase um sinônimo do seu próprio nome. O encontro teve o tema “Amorosidade, denúncia e anúncio”, compartilhado pela querida Eliete Santiago, você conhece. Aliás, todos os convidados e convidadas a mediar os encontros são seus grandes amigos e amigas no anúncio da palavra, independentemente de compartilhada dentro de uma sala, na tela de um computador ou embaixo de uma mangueira.

O encontro seguinte nos brindou com o tema “Cultura popular e identidade cultural”, a prática educativa é práxis dialógica, que exige o sujeito autêntico e seu compromisso no projeto de transformação social. E quando você nos diz “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode” (2013, p. 110), você tem toda a razão.

E por fim, a “Problematização como prática da liberdade”. O que seria da prática educativa não fosse o movimento permanente de reflexão crítica sobre a realidade, sabendo-nos inacabados/as, permanecermos nesse movimento de busca incessante de ser mais, sendo essa condição, a

própria raiz da educação (2020a), uma forma de intervenção no mundo.

Meu amigo Paulo Freire, vou concluir aqui o meu relato, esperançosa desse generoso interlocutor não desanimar diante da extensão do conteúdo. Quero dizer-te que nada do que me fez chegar a essas palavras seria possível não fosse teu legado, tua presença amorosa no mundo. Despeço-me com a certeza de que nesse processo de inacabamento, permanecerei lhe buscando. Um grande e afetuoso abraço,

Ana Paula Freire.

Palavras-chave: Formação de professores. Trabalhadores da educação. Pedagogia freireana.

Referências

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência:** o dilema da educação / Rubem Alves. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 45ª. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do oprimido/Paulo Freire; prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria de Araújo Freire. 23. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança** / Paulo Freire; Prefácio Moacir Gadotti; tradução Lílian Lopes Martin. 41. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Paulo Freire. 74. ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

CARTAS PEDAGÓGICAS POR TRABALHADORES/AS DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA
FREIREANA

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade brasileira** / Paulo Freire; prefácio. Fundadores do Instituto Paulo Freire; organização José Eustáquio Romão; depoimentos Paulo Rosas, Cristina Helniger Freire. 3. ed. São Paulo; Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. - 4ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2000.

LUTAS: SUBSTANTIVO ou VERBO? LUTAS POR UMA PRÁTICA LIBERTADORA

Neide Rafael Alves Braga

Saudações... é que na verdade, não há como dizer saudades, pois, no presente momento pedagógico, há Freire e suas concepções na aplicabilidade dos meus afazeres pedagógicos às vezes, confesso, não são aplicados tão conscientes, mas ao estudar suas obras, vou descobrindo que a direção tomada foi e é defendida no seu legado ... e assim vou sendo tomada pelas surpresas...

Sabe ... há anos me dedico à educação, e nos últimos dez anos, trabalho em três turnos, assim, entre os detalhes dos planejamentos para uma Rede de ensino, aonde posso afirmar que tenho aprendido muito e foi nela que surgiu a oportunidade dos meus primeiros contatos com suas obras, pois participei do Curso de Iniciação ao Pensamento Paulo Freire, em 2001. O serviço técnico, no qual estou inserida, promove a construção de conhecimentos e organização, enquanto que, na outra Rede de ensino, tenho tido a oportunidade de fazer maior uso da dialogicidade com o público de estudantes. Neste processo, amplio minha qualificação, me refino, encontro respostas, e também novas dúvidas surgem, ressignifico meus atos educativos. Dito isso, me vejo no contexto da pedagogia da libertação, da humanização, da empatia percebendo que todos os outros têm conhecimentos e pode deixar suas contribuições tanto para o público estudantil, quanto para mim que estou mediando o conhecimento na área de linguagem com os componentes curriculares de Língua Portuguesa e Arte.

A organização das minhas atividades profissionais é diferente ao compará-las, o que fica claro pra mim, é que em ambas há um desejo de contribuir para educação de qualidade. E é com muita satisfação que digo que no último e terceiro

turno de trabalho, nas salas de aula na Modalidade EJA, turmas referentes aos Anos Finais, (3^a e 4^a Fases), eu percebo, o quanto tenho a aprender e o quanto tenho aprendido e venho apreendendo muito nos momentos das “quase rodas de conversas”, digo para eles e elas (estudantes), o quanto são importantes para que possamos ressignificar os momentos de ensino-aprendizagem e buscarmos a cada dia um fazer diferente, tendo como base a participação.

Ficou a pensar o porquê, quando eu disse “quase rodas de conversas” no parágrafo anterior? Pois é, porque alguns estudantes resistem a prática da conversa, da reflexão e construção, ou seja, como eu, muitos tiveram sua formação escolar, no contexto em que: em sala, o professor é o único que sabe, e o aluno só aprende querendo apenas reproduzir, copiar.

Dessa forma, o trabalho é árduo quando se propõe a libertação da educação bancária, não é fácil, mas é possível, a concepção problematizadora é desafiante porque requer: a reflexão com o outro, desconstrução dos monólogos e prática do diálogo. Entendi a sua concepção e, mesmo ainda tendo dificuldades, não sei fazer diferente: problematizar, desafiar e no processo em sala de aula, embora escutando: *Lá vem ela. Perguntar o porquê? ou comece a aula, professora!* Há também quem diga: *“(...) não tinha visto por esse lado”, “o que é o social que o povo fala?”, “(...)A minha palavra é importante, sou cidadão”, “Sou cidadão, porque não posso falar da merenda?”, “mas a vacina é um direito!”, “E o que é o conselho?”, “Oxe, entendi nadinha de novo... pode repetir?”*

É interessante perceber ao longo das várias tentativas pedagógicas e diferentes estratégias utilizadas nas mediações do conteúdo, o desabrochar, os questionamentos, as afirmações os descontentamentos e as buscas por possíveis soluções, ora das questões que envolvem a escola, o conteúdo curricular e ora as questões da vida, do cotidiano.

Então, há como dizer que seus ensinamentos tiveram um fim? Na verdade, não, pois, trata-se de um caminho sendo percorrido, que recomeça vez ou outra, considerando a complexibilidade que faz parte desses contextos, e assim as problematizações, a elaboração de argumentos, a análise crítica vai ganhando a forma de um mecanismo de lutas, pois estarão vinculadas as suas práticas sociais.

Contudo, percebo que existe muito aprendizado ainda por vim. E entendo quando nos é proposto a pedagogia da autonomia, afirmando ser: Uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando.

Como os demais saberes, este demanda do educador um exercício permanente. E a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando (FREIRE, 1996 p, 10).

E nestes contextos, por estar atenta ao planejamento das políticas públicas a nível de município, me questiono, quando percebo o pouco que nos é ofertado, (políticas de educação de jovens e adultos) para tão grandes necessidades pedagógicas. É uma realidade que me faz pensar e questionar como suportar essas incoerências? pois as necessidades saltam aos olhos, como também as dicotomias: os avanços e retrocessos, o ideal e o real do nosso sistema de ensino que não favorece a sistematização do processo educativo.

(...) tanto no caso do processo educativo quanto no do alto político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e o quê, fazemos a educação e de a favor de quem e do quê,

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)

portanto contra quem e contra o quê desenvolvendo a atividades políticas (FREIRE, 1989, p.16).

Compreendendo que mesmo educação sendo um direito garantido, mas, é visível os processos de descontinuidade. Todos sabem que, um povo que usufrui do direito à educação faz a diferença. É fato! Nada de novo nisso, porém, são lutas a todo tempo e de vários tipos: internas, presenciais, e a mais recentemente, o remoto, isso por conta do advento da pandemia do covid-19, nossa! Período de grande aflição e desconstruções..., mas, sobre isso, te falarei em um outro momento.

Mas, para que todas essas lutas mesmo? Por que isso mesmo? Pra quem? Questionamentos que me fazem seguir na tentativa de melhorar o meu fazer pedagógico. Pois, as respostas que descubro trazem à tona inquietação. O “ensinar e aprender”. “Aprender e mediar”. Acreditando que a ética, se mantenha. Acreditando que ela não escape diante dos vários contextos e que um dia tenha contribuído no sentido de reconstrução de identidades, pois como diz Arroyo:

As mesmas tensões que perpassam os direitos humanos como linguagem de dignidade humana, perpassam a educação de jovens e adultos. O reconhecimento da humanidade, da dignidade humana dos pobres, negros, dos trabalhadores empobrecidos e oprimidos tem exigido sua escolarização como precondição para o seu reconhecimento como sujeitos de direitos humanos. Por aí chegamos à visão abissal que acompanha a tensa história da EJA: tensão que tem raiz a resistência do pensamento social, político, e até pedagógico a vê-los e reconhecê-los como humanos, cidadãos, plenos. Já a continuar vendo-os como ainda não-cidadãos, ainda não humanos plenos porque não escolarizados. (Arroyo, 2022 p.107)

Tal afirmação incita a ação de um fazer pedagógico atento aos fatos históricos relevantes, para não serem distorcidos. É preciso persistir no sentido de termos uma educação que valoriza a liberdade, os direitos humanos.

Eu não desejo caminhar com as heranças deixadas pela intolerância, pois, por muitas vezes, no contexto escolar fui vítima dela, e hoje adulta, percebo a carência de um trabalho que tenha como princípio a construção de uma educação mais próxima, humana e participativa, de forma que “as lutas” revestidas pela tolerância sejam as vencedoras. Desta forma, fortaleceremos uma educação fundamentada na práxis da tolerância, indo de encontro ao autoritarismo e fomentando, a cada dia, o respeito.

Nesse sentido, Freire (2019, p.60) afirma que “(...) a tolerância não é algo que caia do céu como presente, como não é também conceito que se aprenda através da transferência (...) pelo contrário, o aprendizado da tolerância se dá testemunhalmente.” As leituras aligeiras nas obras Freirianas, me dão um apoio, alimenta uma certeza “vai dar certo”. É ofertando uma prática de escutas e discussões, atrelada ao viés de uma boa comunicação que se constrói uma aprendizagem de forma respeitosa.

Nesse momento, grande é a admiração pela sua obra Freire, e assim, deparo-me nas “lutas”, é óbvio que não mais, analisando apenas, as classes de palavras de acordo com a gramática, encontro-me também no processo de conhecimento e utilização como epistemologia, como método ou, relacionar seus escritos com a minha prática pedagógica. Pois, é certo que mudar é difícil e complexo, mas, é nessa dinâmica que busco parcerias para compartilharmos experiências.

Palavras-chave: Lutas. Dialogicidade. Pedagogia da Libertação. EJA.

Referências

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite: do trabalho para EJA:** itinerários do direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019

DIALOGOS E MEMÓRIAS DA DOCENTE DO LADO DE CÁ...

Tereza Luiza de França⁸

Mestre e amigo Paulo Freire,

Hoje, ontem e, com convicção, amanhã emponderada de valores político-crítico-formativos, dialogo alicerçada em memórias e banhada na herança freireana que me acompanha, enraíza e permite sistematizar situações de ensino-aprendizagens na perspectiva da *Educação como Prática da Liberdade*. Freire, estejas onde estiveres, meus pensamentos afloram e confabulam com teu pensar certo. Pode impactar escrever-te por estarmos em universos diferentes. Mas, pensar e escrever com a herança deixada por ti, é dialogar contigo. É animador prosear com tuas ideias, reflexões, ensinamentos é uma “libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1987, p. 43). Acolher o desafio de escrever a Carta Pedagógica proposta pelo Centro Paulo Freire, é resgatar minha docência, *Aprendendo com a própria história*, trilhas, partilhas e historicidade de 48 anos de UFPE. Ao embrenhar e incorporar a educação crítico-humanizadora de “pensar certo” e, por isso “dialógico e não polêmico” (FREIRE, 2003, p. 38), é pedagógico e recheado de significados crítico-reflexivos da realidade, da liberdade de fertilizar anseios, aspirações e valores de relações dialógicas que humanizam. Com olhar e escuta, bebendo na fonte freiriana, adoto na Educação Física e Lazer a educação crítico-dialógica na tríade pesquisa-ensino-extensão. Ações, impulsos sensíveis e racionais, frustrações, tristezas, conquistas, superações, produções de saberes e

⁸ Professora Associada IV – UFPE – Graduação em Educação Física Licenciatura e Bacharelado. E-mail: tereza.franca@ufpe.br

conhecimentos com “reflexão crítica sobre a própria atividade prática, que motivam a organizar os achados superando, assim, a mera opinião sobre os fatos” (FREIRE, 1984, p. 29). Paulo, tuas argumentações, me fazem entender a educação comprometida com o real concreto, alimenta a práxis docente, discente e gestora em contínuas ações de emancipação do sujeito-histórico para formação cidadã. É fundamental ressaltar que, neste cenário, apreendi que a educação é ato de amor que materializa compromissos com ato de coragem. “Não pode temer o debate. À análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1987, p. 96). O *Best Seller Pedagogia do Oprimido* explícita que, enquanto farsa, a formação é impregnada por ditames opressores em que o educador é um simples “agente” transmissor de informações ou conhecimentos. Mestre, teus escritos sobre concepção bancária, deixa claro que esta não permite espaços de discussão ou reflexão e, o educador é meramente informante, que “em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” aos educandos depósitos de meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, 1987, p. 58). Amigo Paulo, este diálogo é um (re)encontro amoroso entre o “educador do mundo” e minha práxis no ensino superior que vive o mundo “o transforma e, transformando-o, o humaniza para a humanização de todos” (FREIRE, 2002, p. 43). Sem *Medo e Ousadia*, reafirmo que o diferencial na educação superior é entusiasmar práxis com sensibilidades e princípios da *Pedagogia da Esperança* a qual se compõe do esperar político de resistência à educação bancária. Alicerçar nova epistemologia, esmiuçar novas situações pedagógicas, incorporando experiências contextualizadas. Para tanto, é imperioso compreender que O

caminho se faz caminhando, que é processual e conquistado no cotidiano. Sabes Paulo, é condição inegociável despertar a curiosidade no ensino-aprendizagem, compartilhar conhecimentos com diversidade, inclusão e ludicidade, “não somos completos. Temos que nos inserir em um processo permanente de busca. Sem isso, morreríamos em vida. O que significa que manter a curiosidade é absolutamente indispensável para que continuemos a ser ou vir a ser” (FREIRE, 2003, p. 43). Nestas entrelinhas da formação crítico-dialógica é indispensável unidade teórico-prática e, apropriação de saberes exigidos à práxis docente, a saber: “a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação, a incerteza – todas estas virtudes são indispensáveis ao sujeito cognoscente!” (FREIRE, 2003, p. 18). Concordo contigo e, compartilho uma beleza pedagógica, vivida na Licenciatura em Educação Física-UFPE – disciplina Educação Física e Diversidade Étnico-Racial. Adotamos a estratégia dialógico-reflexiva o Jogo de Areia, que aflorou sensibilidade à diversidade ao construir cenários com experiências e relações vividas. A obra *À Sombra desta Mangueira*, despertou sentimentos sobre a natureza viva e resgate de jogos e brincadeiras. Inovadora, aflorou a memória lúdica inspirada em: “As árvores sempre me atraíram. As frondes arredondadas, a variedade do seu verde, a sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, a ondulação dos galhos, mais intensa ou menos intensa em função de sua resistência ao vento” (FREIRE, 2006, p. 15). A turma, ancorada na *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*, (re)conheceu ser indispensável “criar meios de compreensão de realidades políticas e históricas que deem origem a possibilidades de mudança” (FREIRE, 2001, 35). Neste cenário, o lúdico resulta da utopia do despertar de sonhos possíveis e, apesar dos conflitos e contradições, é nas relações sujeito-mundo, “que nascem os sonhos coletivamente sonhados, que temos possibilidades de superação das condições de vida a

que estamos submetidos como simples objetos para tornamos todos e todas *Seres Mais*" (FREIRE, 2001, p. 15). Paulo, é cirúrgico ao alertar que "é impossível existir sem sonhos" (FREIRE, 2001, p. 35). Trata-se, portanto, garantir a práxis da cultura corporal como linguagem, "o corpo molhado de histórias, de marcas culturais, de lembranças, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados, mas não desfeitos, de saudades do meu mundo, do meu céu, das águas mornas do Atlântico, da "língua errada do povo, língua certa do povo" (FREIRE, 2005 p. 12). Com *Pedagogia da Autonomia* (re)aprendemos ser docentes-discentes convictos(as) de que: "É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão de futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser" (FREIRE, 2003 p. 78). Como o racismo que é uma das armadilhas que alimenta as rédeas do capitalismo "para encobrir o seu caráter de classe. Não é fácil, na verdade, para os grupos negros perceberem a diferença entre cor da pele e cor da ideologia, a discriminação terrível, incrível, que os negros sofrem há 300 anos termina por "trabalhar" em favor do sistema em que ela se nutre" (FREIRE, 2001 p. 287). Freire, escrever esta carta foi uma aventura criadora, lúdica e lazerenta, nutrida por tuas convicções e, pelo *quefazer* de minha docência. Reafirmo que o corpo humano, objeto de estudos a Educação Física Lazer, joga, dança, pratica esporte, luta, prática ginástica e que "velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive!" (FREIRE, 1985, p. 28). Corpo poético, brincante, que canta, ama e acredita na concretude da *Pedagogia do Diálogo e Conflito*, com ética,

estética e respeito às diferenças e dignidade apreendida em *Pedagogia da Tolerância*. Ah! Mestre e Amigo querido, lembro-me com nitidez quando, na década de 90, a UFPE te fez belíssima homenagem no Centro de Convenções e, lá estava eu, toda proza ao receber tua dedicatória e assinatura na obra Paulo Freire – Uma Biografia, escrita por Gadotti e colaboradores. Foi célebre.

Paulo Freire, presente!

Palavras-Chave: Diálogo. Educação Física-Lazer. Educação.

Referências

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** RJ: Paz e terra. 2002.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. SP: Olho d' Água, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança** – um reencontro com a pedagogia do oprimido. RJ: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. SP: UNESP, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. SP: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **O caminho se faz caminhando** - Conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, P. SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. RJ, Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. & FREIRE, A. M. A. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. SP: UNESP, 2001.

CARTAS PEDAGÓGICAS POR TRABALHADORES/AS DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA
FREIREANA

Maria Erivalda dos Santos Torres; Maria Aparecida Vieira de Melo (Org.)

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. RJ: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia: diálogo e conflito**. SP: Cortez, 1986.

FREIRE, P. **Por uma pedagogia da pergunta**. RJ: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau** – registros de uma experiência em processo. RJ: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. RJ: Paz e Terra, 1983.

O **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas** é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil. O Evento ao reverenciá-lo comemorou, também, em 2016 seus 95 anos de nascimento.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.

